

# Tomando Decisões Bíblica

Lição 8

Perspectiva Existencial:  
Ser Bom



**thirdmill**

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millenium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

### **SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES**

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

#### **Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo**

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitados professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite [www.thirdmill.org](http://www.thirdmill.org).

# Conteúdo

<b>I. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>II. Criação .....</b>	<b>2</b>
A. Deus	2
1. Ser	2
2. Bondade	3
B. Humanidade	4
1. Imagem	5
2. Bênção	6
3. Mandato Cultural	6
<b>III. Queda .....</b>	<b>7</b>
A. Natureza	7
B. Vontade	8
C. Conhecimento	10
1. Acesso à Revelação	11
2. Compreensão da Revelação	11
3. Obediência à Revelação	12
<b>IV. Redenção .....</b>	<b>15</b>
A. Natureza	15
B. Vontade	16
C. Conhecimento	17
1. Acesso à Revelação	17
2. Compreensão da Revelação	18
3. Obediência à Revelação	19
<b>V. Conclusão .....</b>	<b>21</b>

# Tomando Decisões Bíblicas

## Lição 8

### Perspectiva Existencial: Ser Bom

## INTRODUÇÃO

---

Durante a Idade Média, filósofos e cientistas às vezes se engajaram em uma prática chamada alquimia. Esta era uma tentativa de transformar metais baratos como o chumbo em metais valiosos, como o ouro. É claro que os alquimistas sabiam que o chumbo poderia ser disfarçado para se parecer com ouro ou misturado com outras substâncias para se assemelharem ao ouro. Mas eles também sabiam que, para o chumbo reter verdadeiramente as qualidades do ouro, sua natureza fundamental teria que ser mudada. Na verdade, teria que se tornar ouro.

Bem, algo assim é verdade para as pessoas também. Nossas palavras, pensamentos e ações estão inseparavelmente relacionados à nossa natureza fundamental. Assim, da mesma forma que o chumbo não pode verdadeiramente ter as propriedades do ouro, pessoas com naturezas corruptas não podem produzir obras realmente boas. Nossas ações sempre refletem nosso ser.

Esta é a oitava lição da nossa série Fazendo Decisões Bíblicas, e nós a intitulamos “A Perspectiva Existencial: Ser Bom”. Nesta lição sobre ser bom, nós começaremos nossa exploração da perspectiva existencial, olhando a relação entre bondade e o nosso ser, enfocando como a bondade se relaciona com quem somos.

Como você deve se lembrar, nessas lições, nosso modelo para tomar decisões bíblicas é que o julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. Este modelo enfatiza três aspectos essenciais de cada questão ética, a saber, a Palavra de Deus, a situação e a pessoa que toma a decisão.

Esses três aspectos do julgamento ético correspondem às três perspectivas que adotamos em relação às questões éticas ao longo dessas lições. A perspectiva normativa enfatiza a Palavra de Deus e faz perguntas como: o que as normas de Deus revelam sobre nosso dever? A perspectiva situacional se concentra em fatos, objetivos e meios na ética, e faz perguntas como: como podemos alcançar objetivos que agradam a Deus? A perspectiva existencial centra-se nos seres humanos, as pessoas que tomam decisões éticas. Ela coloca questões como, como devemos mudar para agradar a Deus? E que tipo de pessoas o agradam? É nessa perspectiva existencial que iremos nos concentrar nas demais lições desta série.

Como mencionamos em uma lição anterior, o termo existencial tem sido usado de diferentes maneiras por vários filósofos. Mas nessas lições, usaremos o termo para nos referirmos aos aspectos humanos das questões éticas. Assim, sob o prisma da perspectiva existencial, nos concentraremos em questões como nosso caráter, nossa natureza, os tipos de pessoas que somos e deveríamos ser.

Nesta lição em particular, nos preocuparemos com o que significa para uma pessoa ser boa. Todos nós sabemos que até os piores criminosos às vezes fazem coisas boas. Mas é bem diferente para uma pessoa ser boa. Ser bom tem mais a ver com nossas identidades, compromissos e motivações — os tipos de coisas que a Bíblia descreve como o coração de uma pessoa.

Nesta lição sobre “Ser Bom”, exploraremos a relação entre ser e bondade em termos dos três estágios básicos da história bíblica. Primeiro, discutiremos o período da criação, observando a bondade de Deus e o fato de que os seres humanos eram inerentemente bons quando Deus nos criou pela primeira vez. Em segundo lugar, nos voltaremos para o período da Queda, explorando a maneira como o pecado prejudicou a bondade da humanidade. E terceiro, falaremos do período de redenção, quando Deus restitui aqueles que são fiéis a ele e os capacita para o bem. Vamos começar com a criação, aquela época em que agradou ao bom Criador fazer um mundo bom e povoá-lo com bons seres humanos.

## CRIAÇÃO

---

Nossa discussão sobre bondade no momento da criação se dividirá em duas partes. Primeiro, falaremos de Deus e de sua bondade, explicando o fato de que toda a verdadeira bondade moral está enraizada no próprio Deus. Em segundo lugar, descreveremos como Deus criou a humanidade para refletir sua bondade. Então, neste ponto, vamos olhar para a bondade pessoal de Deus.

## DEUS

Ao explorarmos a ideia de que a bondade está enraizada em Deus, começaremos nos concentrando no ser de Deus, olhando particularmente para o caráter dele. Em seguida, nos concentraremos em um aspecto específico de seu caráter, ou seja, sua bondade moral. Começaremos com uma breve discussão sobre o ser de Deus.

### Ser

Existem inúmeras coisas que as Escrituras dizem sobre o ser de Deus, mas para nossos propósitos nos concentraremos na relação entre seus atributos essenciais e sua pessoa. Simplificando, os atributos de Deus são inseparáveis de sua pessoa; eles definem quem ele é.

Esta é uma das razões pelas quais os escritores da Escritura comumente descrevem e até mesmo nomeiam Deus de acordo com seus atributos. Por exemplo, ele é chamado de "Pai de Compaixão" e "Deus de todo o conforto" em 2 Coríntios 1:3. Ele é "Deus Todo Poderoso" em Ezequiel 10:5, o "Deus da justiça" em Malaquias 2:17 e o "Deus da paz" em Hebreus 13:20. Ele é o "Santo" em Provérbios 9:10 e o "Rei da Glória" no Salmo 24:7-10.

A lista poderia continuar, mas o ponto importante é o seguinte: identificando os atributos de Deus dessa maneira, os escritores das Escrituras estavam nos ensinando sobre Deus como pessoa; eles estavam descrevendo seu caráter fundamental. Por exemplo, quando Davi chamou o Senhor de "Rei da Glória" no Salmo 24, ele não quis

dizer simplesmente que Deus tem uma certa quantidade de glória ou que Deus às vezes é glorioso. Em vez disso, ele quis dizer que a glória de Deus é um aspecto crítico do caráter do Senhor, que é inseparável de sua pessoa e central para seu ser.

Ao considerarmos o ser de Deus, é importante lembrar que todos os atributos essenciais de Deus são imutáveis, o que significa que eles nunca podem mudar. Por exemplo, Deus não pode ser santo um dia, mas profano no próximo. Ele não pode ser todo-poderoso e onisciente em certos momentos, mas limitado em seu poder e conhecimento em outros momentos.

A Escritura ensina isso em muitos lugares, como Salmos 102:25-27, Malaquias 3:6 e Tiago 1:17. Mas por questão de tempo, vamos ver apenas um deles. Ouça as palavras de Tiago em Tiago 1:17:

**[O] Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes (Tiago 1:17).**

Apesar de todas as mudanças que ocorrem na criação, podemos ter certeza de que Deus não muda quem ele é. Hoje, Deus é a mesma pessoa com os mesmos atributos essenciais que ele era antes de criar o mundo. Ele permanecerá a mesma pessoa para sempre.

Tendo falado sobre o ser de Deus, estamos prontos para nos voltarmos para a bondade que Deus possui em e de si mesmo.

## Bondade

Quando falamos sobre a bondade de Deus no contexto da ética, temos em mente sua pureza moral e perfeição. Como vimos nas lições anteriores, o próprio Deus é o padrão supremo da moralidade. Não existe um padrão externo de bondade pelo qual ele ou nós possamos ser julgados. Em vez disso, o que quer que esteja de acordo com seu caráter é bom, e o que quer que não esteja de acordo com seu caráter é mau.

1 João 1:5-7 explica essa idéia em termos de “luz”. Ali João escreveu estas palavras:

**Deus é luz; nele não há treva alguma. Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 João 1:5-7).**

Nesta passagem, a luz é uma metáfora da verdade e da pureza moral, enquanto a escuridão é equiparada ao pecado e à mentira. Então, como não há trevas em Deus, Deus está perfeitamente livre do pecado em todos os aspectos do seu ser. Em outras palavras, a bondade é um dos atributos essenciais de Deus.

Agora, quando falamos sobre a bondade de Deus em relação ao seu ser, é de grande ajuda que voltemos a pensar em termos de perspectivas. Você se lembra de que muitas vezes ao longo desta série falamos da importância das perspectivas. Por exemplo,

nosso modelo envolve três perspectivas: a perspectiva normativa, a perspectiva situacional e a perspectiva existencial. E cada perspectiva nos mostra toda a ética de um ponto de vista diferente.

Bem, algo assim também é verdade a respeito dos atributos de Deus. Mas como Deus tem tantos atributos, é mais útil pensar neles em termos de uma pedra preciosa do que em termos de um triângulo.

Simplificando, cada um dos atributos de Deus é uma perspectiva de todo o seu ser. Cada um dos atributos de Deus é dependente dos outros e qualificado pelos outros.

Por exemplo, considere apenas três dos atributos de Deus: autoridade, justiça e bondade. A autoridade de Deus é boa e justa. Isto é, é bom e justo que Deus possua essa autoridade, e ele exerça sua autoridade de maneiras boas e justas. Da mesma forma, sua justiça é autoritativa e boa. Quando Deus pronuncia juízos, eles são sempre autoritários e bons. E da mesma forma, sua bondade é autoritária e justa. Sua bondade sustenta a justiça e abençoa aqueles que são justos, e também estabelece o padrão autoritário pelo qual toda bondade é julgada.

Tradicionalmente, os teólogos têm falado da interrelação dos atributos de Deus sob o título da simplicidade de Deus. Por esse termo, os teólogos querem dizer que Deus não é um composto de várias partes não relacionadas, mas um ser unificado de integridade absoluta. Ou para usar nossa ilustração de pedras preciosas, ele não é uma peça de joalheria contendo muitas gemas diferentes, mas sim uma única pedra preciosa com muitas facetas.

É importante entender esse fato porque significa que nada no ser de Deus pode contradizer sua bondade ou oferecer um padrão oposto a ser seguido. Por exemplo, nunca podemos apelar para a justiça de Deus para contradizer as implicações de sua bondade. No caráter de Deus, se algo é justo, também é bom. E se é bom, é necessariamente justo. Seus atributos sempre concordam porque eles sempre descrevem a mesma pessoa consistente e unificada.

Tendo visto que toda a verdadeira bondade moral está enraizada no ser de Deus, estamos prontos para considerar o fato de que Deus criou a humanidade para ser boa. Isto é, ele nos criou para refletir sua bondade pessoal.

## HUMANIDADE

O relato da criação em Gênesis 1 é familiar para a maioria dos cristãos. Sabemos que Deus criou os céus e a terra, moldando-os para lhes dar forma. E sabemos que ele os encheu de habitantes para que eles não ficassem vazios. E, claro, o auge da semana criativa foi a criação da humanidade no sexto dia. Ouça Gênesis 1:27-28 onde Moisés registrou estas palavras:

**Deus criou o homem à sua própria imagem ... Deus abençoou [a humanidade] e disse-lhes: “Frutificai e aumentai em número; enchei a terra e subjuguai-a. Domina sobre os peixes do mar e as aves do céu e sobre todos os seres vivos. criatura que se move no chão” (Gênesis 1:27-28).**

Nossa discussão sobre a bondade da humanidade se concentrará em três detalhes da criação da humanidade mencionados nos versículos que acabamos de ler. Primeiro, vamos considerar o fato de que a humanidade foi criada como a imagem de Deus, a representação visível de Deus que representava sua bondade. Em segundo lugar, falaremos da bênção de Deus para a humanidade. E terceiro, vamos mencionar o mandato cultural que Deus designou para a raça humana. Vamos começar com a imagem de Deus suportada pela humanidade na criação.

## Imagem

Como vimos em Gênesis 1:27, Moisés escreveu que:

**Criou Deus o homem à sua imagem (Gênesis 1:27).**

Agora, quando os teólogos falam sobre a humanidade como a imagem de Deus, eles freqüentemente falam de atributos como razão, espiritualidade, natureza moral, imortalidade e nossa justiça original. E é verdade que até certo ponto os seres humanos compartilham esses atributos em comum com Deus.

Mas talvez uma das melhores maneiras de entender a imagem de Deus é observar como o mundo antigo concebia imagens. Durante o tempo em que Gênesis foi escrito, era comum os reis erigirem estátuas e outras imagens de si mesmos em torno de seus reinos. Essas estátuas deveriam ser tratadas com respeito, porque elas eram as substitutas do rei. Elas lembravam o povo do dever de amar, honrar e obedecer ao rei.

De maneira semelhante, Deus, o grande rei sobre toda a criação, apontou os seres humanos para serem suas imagens vivas. Então, quando vemos um ser humano, vemos uma imagem que nos lembra de Deus. E quando desrespeitamos injustamente os seres humanos, desonramos o Senhor cuja imagem eles são. Considere, por exemplo, Gênesis 9:6, onde Deus deu essa instrução:

**Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado (Gênesis 9:6).**

A razão pela qual os assassinos eram passíveis de morte não era apenas o fato de terem levado uma vida humana, mas de terem atacado a imagem de Deus; eles montaram um ataque contra a honra do grande rei.

E além disso, o mundo antigo também associava imagens divinas à filiação divina. Especificamente, os antigos reis eram considerados com sendo imagens dos deuses, bem como filhos dos deuses. Assim, em Gênesis, quando Deus criou homens e mulheres à sua imagem, ele também declarou que a raça humana eram seus filhos reais.

Na verdade, o fato da humanidade exercer o papel de representantes e descendentes de Deus serve como base para muitas das outras conclusões que tiramos sobre nossa bondade. Porque Deus queria que fôssemos representantes e filhos, ele nos criou com qualidades que refletiam suas próprias perfeições. Naturalmente, a humanidade não era exatamente como Deus, infinitamente perfeita em todos os sentidos. Mas fomos



criados sem falhas e sem pecado, em conformidade com o padrão de seu caráter. Deste modo, Deus estabeleceu a humanidade com nosso próprio atributo de bondade, enraizado em nosso próprio ser.

## Bênção

Essa visão sobre a criação da humanidade como imagem de Deus é confirmada pelo fato de que Deus pronunciou uma bênção sobre a humanidade. Uma frase em Gênesis 1:28 registra um evento importante que ocorreu quando a humanidade foi criada. Como lemos lá:

**Deus os abençoou (Gênesis 1:28).**

Você deve se lembrar de que ao longo desta série definimos a ética cristã como:

**Teologia, vista como um meio de determinar quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem as bênçãos de Deus e quais não.**

Por essa definição, definimos “bom” não apenas em termos do caráter de Deus, mas também em termos do que ele abençoa e aprova. Tudo o que Deus abençoa e aprova é bom, e tudo o que Deus amaldiçoa e condena é mau.

Então, quando Deus abençoou a humanidade no relato da criação, ele indicou que a humanidade era moralmente boa. E de forma bastante significativa, Gênesis não dá indicações de que a humanidade tenha feito qualquer coisa para ganhar essa bênção. Pelo contrário, eles tinham acabado de ser criados, então a bênção de Deus não era uma afirmação de seu comportamento, mas de seu próprio ser. Ele os abençoou porque eles tinham o atributo inato da bondade.

Agora que olhamos para a humanidade como a imagem de Deus e consideramos a bênção de Deus para a humanidade, devemos abordar brevemente o mandato cultural que Deus designou para a raça humana.

## Mandato Cultural

Como vimos anteriormente nesta lição, Gênesis 1:28 registra o mandato cultural de Deus para a humanidade. Nós lemos estas palavras aqui:

**Deus ... lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gênesis 1:28).**

De acordo com o papel da humanidade como imagem de Deus, Deus designou a humanidade para ser seus reis vassallos na terra, para preenchê-la, subjugá-la e governá-la

para sua glória. Por essa designação, Deus indicou que a humanidade não era apenas fisicamente capaz de realizar essa tarefa, mas também moralmente capaz.

Como fomos originalmente criados, os seres humanos foram capazes de construir um reino santo e justo, adequado à habitação de Deus. E fomos capazes de ministrar na presença manifesta do Senhor sem sermos destruídos. Para fazer isso, Deus nos criou moralmente puros em nosso ser, possuindo o atributo de bondade e estando livres da corrupção do pecado. E como resultado, fomos capazes de escolher e agir de maneira moralmente boa.

Então, vemos que para Deus e para a humanidade, a bondade estava enraizada em nosso próprio ser. O ser de Deus é imutável e, portanto, sua bondade também é imutável. Mas, infelizmente, a humanidade está mudando para pior. Deus nos criou com bondade inata. Mas, como veremos, o pecado corrompeu nosso ser, de modo que nosso ser deixou de ser uma fonte de bondade.

Agora que consideramos a relação entre bondade e ser como se manifestou na criação, estamos prontos para voltar ao período da Queda. Especificamente, veremos como o pecado prejudicou o ser da humanidade e, assim, destruiu nossa bondade.

## QUEDA

---

Estamos todos familiarizados com o relato da Bíblia sobre a queda da humanidade no pecado, registrada em Gênesis 3. Deus havia criado Adão e Eva e os colocados no Jardim do Éden. E embora ele tivesse lhes dado grande liberdade no jardim, ele também lhes deu uma proibição específica: eles não deveriam comer o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

Mas é claro que a serpente tentou Eva a comer o fruto e ela o fez. Então ela deu um pouco do fruto para Adão, e ele também o comeu. E como resultado da queda no pecado, Deus amaldiçoou Adão e Eva com severas consequências que se aplicaram não apenas a eles, mas também a toda a raça humana que viriam a ser seus descendentes.

Mencionaremos três consequências da queda da humanidade no pecado. Primeiro, falaremos da corrupção de nossa natureza. Segundo, veremos que a Queda fez com que nossa vontade se tornasse escrava do pecado, de modo que perdemos nossa capacidade de escolher e fazer coisas moralmente boas. E terceiro, discutiremos as maneiras pelas quais a Queda afetou nosso conhecimento, de modo que nos tornamos incapazes de reconhecer plenamente a bondade moral. Vamos começar com a corrupção de nossa natureza que ocorreu quando a humanidade caiu em pecado.

## NATUREZA

Quando falamos da natureza dos seres humanos, temos em mente nosso caráter fundamental, os aspectos centrais de nosso ser.

Como vimos, quando Deus criou Adão e Eva, eles eram perfeitos e sem pecado. Todas as suas características e atributos eram bons e agradáveis a Deus. E, portanto,

podemos dizer que a natureza humana era moralmente boa no momento da criação. Mas na Queda, Deus amaldiçoou Adão e Eva por seus pecados. E como parte dessa maldição, ele mudou sua natureza para que o caráter fundamental da raça humana não fosse mais moralmente bom, mas moralmente mau.

Em Romanos 5:12, 19 Paulo escreveu estas palavras sobre a maldição em Adão:

**O pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram ... Por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores (Romanos 5:12, 19).**

O único pecado de Adão resultou na queda de todos os seres humanos em pecado. E a maldição correspondente na humanidade corrompeu a natureza de cada um de nós, levando à morte e ao pecado. Ouça Romanos 8:5-8 onde Paulo descreveu os efeitos da Queda desta maneira:

**Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja ... a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus (Romanos 8:5-8).**

A natureza da humanidade caída foi corrompida de modo que não é mais moralmente boa. Pelo contrário, nossa natureza caída é má. Nós desejamos o pecado. Nós odiamos a Deus. Nós nos rebelamos contra a lei dele. Nós não podemos agradar a Deus. E não podemos obter sua aprovação ou bênção.

Tendo falado da corrupção de nossa natureza, estamos prontos para ver como a vontade humana se tornou escrava do pecado como consequência da Queda.

## VONTADE

Devemos começar oferecendo uma definição de vontade. Normalmente, quando os teólogos falam de nossa vontade, eles têm em mente nossa faculdade pessoal de decidir, escolher, desejar, esperar e querer. Simplificando, nossa vontade é o que usamos para tomar decisões e fazer escolhas, bem como para considerar as coisas que gostaríamos de ter, fazer ou experimentar.

Agora, como o resto de nossos atributos e faculdades, nossa vontade reflete nossa natureza. Antes da Queda, a vontade humana era perfeita, criada para refletir Deus e seu caráter, e capaz de pensar e escolher de maneiras moralmente boas. Mas como a Queda provou, a vontade humana também foi criada com a capacidade de fazer escolhas que não agradavam a Deus.

Como já vimos, na Queda, Adão e Eva usaram suas vontades para escolher o pecado em vez da lealdade a Deus. E assim Deus amaldiçoou a raça humana. E uma consequência disso foi que nossas vontades foram corrompidas, tornando impossível para nós desejarmos agradar a Deus.

Em Romanos 6–8, Paulo usa a metáfora da escravidão para descrever essa maldição sobre a vontade humana. Ele indicou que o pecado habita os seres humanos caídos, escravizando nossas vontades para que sempre desejemos e escolhamos o pecado. Ouça mais uma vez a Romanos 8:5-8, onde Paulo escreveu estas palavras:

**Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja ... a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus (Romanos 8:5-8).**

O pecado controla os seres humanos caídos, tornando impossível para nós nos submetemos à lei de Deus ou fazer qualquer coisa que lhe agrade.

Agora, isso não significa que não tenhamos mais vontades ou que não mais façamos escolhas genuínas. Pelo contrário, continuamos a querer e a escolher de acordo com a nossa natureza. Mas porque nossa natureza foi corrompida, somos incapazes de fazer qualquer coisa que honre e glorifique a Deus. O pecado mancha tudo o que pensamos, dizemos e fazemos.

Agora, à primeira vista, essa avaliação da vontade humana caída pode parecer extrema. Afinal, pessoas pecadoras fazem coisas que certamente parecem boas. Bem, em certo sentido, seria tolice negar isso. Mas devemos sempre ter cuidado para olhar além da superfície, a fim de entender o verdadeiro caráter das coisas que as pessoas caídas e não redimidas fazem.

Você deve se lembrar que no início desta série, nos voltamos para o capítulo 16 da seção *Confissão de Fé de Westminster*, parágrafo 7, para ajudar a explicar essa questão complexa. Ouça mais uma vez o que diz:

**As obras feitas pelos não regenerados ... porque procedem de corações não purificados pela fé, não são feitas devidamente — segundo a palavra; — nem para um fim justo — a glória de Deus; são pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem preparar o homem para receber a graça de Deus; não obstante, o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus.**

Essas palavras resumem bem o ensino da Bíblia sobre a condição ética dos seres humanos não regenerados — aqueles que ainda não foram redimidos por Cristo. E como a Confissão diz, há um sentido em que as pessoas não regeneradas obedecem aos mandamentos de Deus, bem como um sentido no qual elas fazem coisas que são boas.

Jesus ensinou esse mesmo princípio em Mateus 7:9-11, onde ele falou estas palavras:

**Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem! (Mateus 7:9-11).**

A maioria das pessoas faz pelo menos algumas coisas aparentemente boas, como amar e cuidar de seus filhos. Então, existe um sentido superficial em que até mesmo os incrédulos realizam os tipos de comportamento que Deus abençoa.

No entanto, a *Confissão de Westminster* aponta corretamente outro sentido em que essas ações são realmente pecaminosas e não podem agradar a Deus. E a razão é que esses atos apenas atendem a alguns dos requisitos para a retidão.

A Confissão resume o ensinamento das Escrituras, salientando que nossas obras devem passar por cinco testes, a fim de ser verdadeiramente boas. Primeiro, eles devem ser obras que Deus ordena. Segundo, eles devem ser de bom uso para nós mesmos e para os outros. Terceiro, eles devem proceder de um coração que é purificado pela fé. Quarto, eles devem ser feitos de maneira correta. E quinto, eles devem ser feitos para o fim correto, que é a glória de Deus.

Este ponto de vista se alinha com a abordagem da ética que tomamos ao longo desta série. Primeiro, o fato de que as boas obras são aquelas que Deus ordena compara a perspectiva normativa em que todas as obras são julgadas de acordo com o padrão do caráter de Deus, conforme revelado em sua Palavra.

Em segundo lugar, as ênfases no bom uso, no fim correto e na maneira apropriada resumem os fatos, objetivos e meios da perspectiva situacional.

E terceiro, o fato de que as boas obras devem proceder de um coração purificado pela fé corresponde à perspectiva existencial em que obras autenticamente boas só podem ser feitas por pessoas cuja bondade foi restaurada através de sua fé em Deus.

Infelizmente para a humanidade caída, nossos seres são corruptos, de modo que não temos naturalmente corações purificados pela fé. E a nossa vontade não deseja ou luta pelo fim certo, ou seja, a glória de Deus. E nos recusamos a nos submeter à lei de Deus. Assim, enquanto pessoas não regeneradas ainda podem fazer escolhas que parecem boas na superfície, essas escolhas nunca são realmente boas.

Agora que vimos a forma como a Queda corrompeu nossa natureza e escravizou nossa vontade de pecar, estamos prontos para falar sobre nosso conhecimento, focando especialmente na forma como a Queda prejudicou nossa capacidade de entender o padrão de Deus.

## CONHECIMENTO

Pode parecer estranho para alguns de nós falar da queda como prejudicial à nossa capacidade de obter conhecimento moral. Afinal, os incrédulos podem pegar uma Bíblia e entender seus comandos. E a própria Escritura afirma que os incrédulos sabem muitas coisas verdadeiras sobre Deus. Mas quando olhamos mais de perto as Escrituras, vemos que, enquanto os seres humanos caídos e não redimidos possuem algum conhecimento verdadeiro, a Queda os impediu de obter um conhecimento adequado dos mandamentos de Deus.

Nossa discussão sobre o efeito da queda no conhecimento moral se dividirá em três partes. Primeiro, falaremos da maneira como o pecado impede o acesso da humanidade à revelação. Em segundo lugar, vamos mencionar a maneira como o pecado impede a compreensão da revelação pela humanidade. E terceiro, investigaremos o

impacto do pecado na obediência da humanidade à revelação. Vamos começar com o modo como o acesso da humanidade à revelação foi impedido pela Queda.

## Acesso à Revelação

Uma das principais maneiras pelas quais a Queda impediu o acesso da humanidade à revelação é a limitação do trabalho de iluminação e direção interior do Espírito Santo. Agora, isto não é porque o Espírito Santo é de alguma forma incapaz de ministrar aos seres humanos caídos. Pelo contrário, é porque Deus amaldiçoou a humanidade retendo esses dons divinos.

Como você lembrará de nossas lições anteriores, a iluminação é um dom divino de conhecimento ou entendimento que é principalmente cognitivo, como o conhecimento de que Jesus é o Messias, que Pedro recebeu em Mateus 16:17.

E a liderança interior é um dom divino de conhecimento ou compreensão que é principalmente emotivo ou intuitivo. Inclui coisas como a nossa consciência e a sensação de que Deus quer que tomemos um determinado curso de ação.

Em certo sentido, Deus fornece uma medida de iluminação e liderança interior conduzindo a todos os seres humanos caídos. Por exemplo, até mesmo os incrédulos têm um conhecimento instintivo da lei de Deus. Muitos deles desejam justiça e reconhecem que é errado roubar e matar. Similarmente, os incrédulos são freqüentemente convencidos por suas consciências quando cometem certos pecados.

Mas o Espírito Santo não fornece a mesma medida de iluminação e liderança interior aos incrédulos que ele fornece aos crentes. Ele trabalha dentro deles apenas o suficiente para condená-los por suas violações das leis de Deus. E a razão para isso é simples: Deus escolheu revelar-se de maneiras que abençoam aqueles que o amam e que amaldiçoam aqueles que o odeiam.

Compare João 17:26, onde Jesus orou estas palavras ao seu pai:

**Eu os fiz conhecer o teu nome [aqueles que me deste], e continuarei a fazê-lo, a fim de que o amor que tens por mim esteja neles, e eu neles esteja (João 17:26).**

Jesus se deu a conhecer aos crentes para edificar amor e união entre o Senhor e seu povo. Em contraste, ele fornece aos seus inimigos apenas um pouco de conhecimento de si mesmo — apenas o suficiente para levá-los a julgamento.

Além de reduzir o acesso da humanidade caída à revelação, a Queda também impediu o entendimento da humanidade sobre a revelação.

## Compreensão da Revelação

A queda da humanidade no pecado reduziu profundamente nossa capacidade de dar sentido à revelação de Deus. Mesmo que os seres humanos caídos ainda tenham acesso a grande parte da revelação de Deus, falta-nos muitas das habilidades necessárias

para compreendê-lo. Ainda temos a capacidade cognitiva de entender os ensinamentos básicos da revelação de Deus. Mas a compreensão moral depende de mais do que mera cognição; envolve a pessoa inteira.

Nossos julgamentos éticos não são avaliações destacadas de fatos. Pelo contrário, muitos fatores não cognitivos influenciam nossas avaliações éticas, tais como nossas emoções, consciências, intuições, lealdades, desejos, medos, fraquezas, fracassos, rejeição natural de Deus e muito mais.

Em Mateus 13:13-15, Jesus se referiu a esse problema quando explicou seu uso de parábolas:

**Porque vendo, eles não vêm e, ouvindo, não ouvem nem entendem. Neles se cumpre a profecia de Isaías: “Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria” (Mateus 13:13-15).**

Os seres humanos caídos ainda têm olhos e ouvidos para receber a revelação de Deus. Mas nossos corações estão endurecidos contra Deus e sua verdade. E isso freqüentemente nos impede de compreender adequadamente a revelação que recebemos.

Em Efésios 4:17-18, Paulo falou sobre o problema desta maneira:

**Assim, eu lhes digo, e no Senhor insisto, que não vivam mais como os gentios, que vivem na inutilidade dos seus pensamentos. 18 Eles estão obscurecidos no entendimento ... por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração (Efésios 4:17-18).**

A corrupção da natureza humana na queda resultou no endurecimento de nossos corações. E esse endurecimento nos impede de compreender adequadamente a revelação de Deus.

De muitas maneiras, nossa lógica e intelecto ainda funcionam como deveriam. E essa é uma razão pela qual Deus ainda nos considera responsáveis por entender sua revelação. Mas a Queda nos corrompeu, de modo que nos opomos a Deus e resistimos à sua verdade. Então, ao invés de aceitar o verdadeiro conhecimento de Deus, nós nos iludimos em acreditar nas mentiras que nossos corações pecaminosos inventam.

Tendo visto que os seres humanos caídos reduziram o acesso à revelação e obscureceram a compreensão da revelação, devemos nos voltar para o modo como nossa obediência à revelação também foi corrompida pela Queda.

## **Obediência à Revelação**

Agora, pode parecer estranho pensar na obediência como um aspecto do conhecimento. Afinal de contas, normalmente pensamos que a revelação nos fornece



conhecimento e pensamos na obediência como um passo separado que segue o conhecimento. E há um sentido em que isso está correto. Mas há outro sentido em que conhecimento e obediência são essencialmente a mesma coisa. E, nesse sentido, a Queda impede nosso conhecimento de Deus, destruindo nossa capacidade de obedecê-lo.

Para entender como nossa incapacidade de obedecer a Deus impede nosso conhecimento de seu padrão, nos concentraremos em apenas dois aspectos da relação entre conhecimento e obediência. Primeiro, nas Escrituras, existe uma relação recíproca entre obediência e conhecimento. Em segundo lugar, consideraremos algumas das maneiras pelas quais se pode dizer que na Bíblia essas duas idéias são inseparáveis uma da outra. Começaremos com a ideia de que a obediência leva ao conhecimento de Deus e de seu padrão.

Nas Escrituras, há uma relação recíproca entre obediência e conhecimento. De um lado, o conhecimento de Deus produz obediência a Deus. Nós vemos isso em passagens como 2 Pedro 1:3, onde Pedro escreveu estas palavras:

**Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (2 Pedro 1:3).**

Aqui, o conhecimento é dado com o propósito de produzir vida e piedade em nossas vidas.

Novamente, isso segue o padrão que esperamos: primeiro recebemos e entendemos a revelação de Deus, e depois a aplicamos obedientemente às nossas vidas. Mas o inverso também é verdadeiro. Nas Escrituras, a obediência é um pré-requisito para o conhecimento, e a aplicação obediente da revelação de Deus em nossas vidas leva ao conhecimento dele. Como Provérbios 1:7 nos ensina:

**O temor do Senhor é o começo do conhecimento (Provérbios 1:7).**

E como lemos em Provérbios 15:33:

**O temor do Senhor ensina a sabedoria (Provérbios 15:33).**

Nestes versos e muitos outros através da Escritura, o conhecimento flui da obediência. Ou seja, quando nos submetemos ao senhorio de Deus, estamos em posição de entender sua revelação.

Mas a Queda corrompeu nossa natureza e nossa vontade ao ponto de nos rebelarmos contra Deus. De fato, somos incapazes de nos submeter à sua Palavra.

E como o conhecimento flui da obediência, as pessoas incapazes de obedecer a Deus também são incapazes de conhecê-lo no verdadeiro sentido da palavra. Ou, em outras palavras, assim como a obediência leva ao conhecimento, o pecado leva à ignorância.

Tendo visto os problemas criados pela Queda, porque a obediência leva ao conhecimento da revelação, estamos prontos para considerar a idéia de que, na Bíblia, essas duas idéias são inseparáveis uma da outra.



Nas Escrituras, é comum que os conceitos de obediência e conhecimento sejam essencialmente sinônimos. Às vezes, eles são colocados em oposição um ao outro, de modo que um conceito segue e explica o outro. Por exemplo, ouça Oséias 6:6:

**Pois desejo misericórdia, e não sacrifícios; conhecimento de Deus em vez de holocaustos (Oséias 6:6).**

Neste verso, as frases misericórdia em vez de sacrifício e conhecimento de Deus, em vez de holocaustos, estão em oposição um ao outro, o que significa que a segunda frase reafirma a primeira para esclarecimento. Então, sacrifício é sinônimo de ofertas queimadas, e misericórdia, uma forma de obediência, é sinônimo de conhecimento de Deus.

Em outras ocasiões, obediência ou conhecimento é fornecido como uma definição para o outro. Por exemplo, em Jeremias 22:16, o Senhor falou estas palavras:

**Ele defendeu a causa do pobre e do necessitado, e, assim, tudo corria bem. Não é isso que significa conhecer-me?”, declara o Senhor (Jeremias 22:16).**

Aqui, o conhecimento de Deus é definido em termos de obediência prestada a Deus, particularmente na forma de preservar a justiça.

Terceiro, a Escritura às vezes demonstra a semelhança entre obediência e conhecimento usando um como um exemplo do outro. Considere Oséias 4:1 onde o Profeta acusou Israel desta maneira:

**Israelitas, ouçam a palavra do Senhor, porque o Senhor tem uma acusação contra vocês que vivem nesta terra: “A fidelidade e o amor desapareceram desta terra, como também o conhecimento de Deus (Oséias 4:1).**

Oséias enumerou três coisas que os israelitas não conseguiram fazer e que resultaram na ira de Deus: eram infiéis, não eram amorosos e não conheciam a Deus. Ao incluir o conhecimento de Deus nessa lista de exemplos éticos, Oséias indicou que o conhecimento é parte da obediência e que temos a responsabilidade ética de conhecer o Senhor.

Agora, obediência e conhecimento nem sempre significam a mesma coisa. No entanto, as Escrituras ligam essas idéias muito de perto ensinando que, em um sentido muito importante, se não podemos obedecer a Deus, não podemos conhecê-lo.

A queda devastou a humanidade. A maldição de Deus sobre Adão e Eva corrompeu a natureza, a vontade e o conhecimento de cada ser humano, seus descendentes através de meios naturais. E as consequências éticas disso são surpreendentes — nenhum ser humano caído pode pensar, dizer ou fazer qualquer coisa moralmente boa. Todos os nossos pensamentos, palavras e ações são pecaminosos em certa medida, porque somos pecadores. Assim, sempre que tomamos decisões éticas, temos que considerar as maneiras pelas quais a Queda afetou todas as pessoas envolvidas em nossas decisões.

Tendo considerado a questão da bondade e do ser durante os períodos da criação e da Queda, estamos prontos para explorar o período de redenção, o tempo em que Deus restaura aqueles que confiam nele para a salvação e os capacita para o bem.

## REDENÇÃO

---

O período de redenção começou imediatamente após a queda, quando Deus estendeu misericórdia a Adão e Eva — mesmo quando os amaldiçoou por seus pecados. Nas lições anteriores, nos referimos a isso como o *protoevangelion* ou "primeiro evangelho", quando Deus se ofereceu para enviar um redentor para reparar o dano causado pela Queda.

Mas o período de redenção não erradicou imediatamente todos os efeitos da Queda. Pelo contrário, a redenção tem sido um processo lento e não será completado até que Jesus retorne em glória. Até lá, a queda continua a ter consequências para todos os seres humanos, inclusive os crentes.

Mesmo assim, à medida que os indivíduos são redimidos, à medida que os incrédulos se tornam crentes, eles são resgatados das consequências da Queda de maneiras importantes e maravilhosas.

Discutiremos a redenção de crentes individuais como uma inversão da Queda de maneira paralela à nossa discussão anterior. Primeiro, nos concentraremos em nossa natureza, falando de como a redenção restaura nossa bondade inata. Em segundo lugar, falaremos sobre nossa vontade humana e nossa liberdade do pecado. E terceiro, nos concentraremos no conhecimento, na restauração de nossa capacidade de fazer uso adequado da revelação de Deus. Vamos começar com a forma como nossa natureza é restaurada quando somos redimidos.

## NATUREZA

Você se lembrará de que nossa natureza é nosso caráter fundamental; os aspectos centrais do nosso ser. E como vimos, nossa natureza caída é má. Nós odiamos a Deus e amamos o pecado, e somos incapazes da bondade moral.

Mas quando somos redimidos em Cristo, nossa natureza é renovada. Quando o Espírito Santo nos regenera, ele nos dá uma boa natureza, que ama a Deus e odeia o pecado. E ele restaura nossa capacidade moral para que nos tornemos capazes de verdadeira bondade. Ouça Ezequiel 36:26 onde Deus falou sobre a futura redenção que viria em Cristo:

**Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne (Ezequiel 36:26).**

E em Romanos 6:6-11 Paulo falou da questão desta maneira:

**Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele [Cristo], para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado; pois quem morreu, foi justificado do pecado ... considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus (Romanos 6:6-11).**

O testemunho consistente tanto do Antigo como do Novo Testamento é que os seres humanos caídos têm corações e espíritos pecaminosos. Mas quando Deus nos redime, ele nos recria, dando-nos novos corações e espíritos que são justos e não pecaminosos. E com essas novas naturezas, somos pela primeira vez capazes de amar a Deus e nos submeter à sua Palavra e, assim, obter suas bênçãos.

Naturalmente, nossa redenção ainda não está completa, de modo que, mesmo com nossas novas naturezas, ainda estamos contaminados pelo pecado. É por isso que em Marcos 10:18 Jesus fez a declaração:

**Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus (Marcos 10:18).**

A humanidade redimida tem uma medida de bondade, mas não somos seres perfeitos como Deus é. Mesmo assim, nossas novas naturezas tornam possível que Deus nos abençoe de maneiras maravilhosas.

Com essa compreensão de nossa natureza redimida em mente, devemos nos voltar para a restauração de nossa vontade que ocorre quando começamos a experimentar a redenção.

## VONTADE

Nossa vontade é nossa faculdade pessoal de decidir, escolher, desejar, esperar e querer. Como vimos, a Queda no pecado tornou impossível para nós usarmos nossas vontades de maneira pura e justa. Paulo descreveu essa corrupção em termos de escravidão, ensinando que nossos desejos caídos e não redimidos são escravos do pecado que nos habita. Por causa dessa escravidão do pecado, não temos capacidade de fazer escolhas que agradem a Deus, e não desejamos agradá-lo.

Mas quando chegamos à fé em Cristo, o pecado aguarda nossa vontade, e não somos mais forçados a desejar e escolher o pecado. Além disso, o Espírito Santo habita em nós, fortalecendo e movendo nossas vontades para amar e obedecer ao Senhor. O Senhor falou desse aspecto da redenção em Ezequiel 36:27, onde ele ofereceu essa bênção para acompanhar a redenção:

**Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis (Ezequiel 36:27).**

E como Paulo escreveu em Filipenses 2:12-13:

**Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus**

**quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Filipenses 2:12-13).**

Agora, precisamos lembrar que a renovação da nossa vontade não resolve completamente o problema do pecado em nossas vidas. Ainda somos habitados pelo pecado, de modo que devemos lutar constantemente contra ele. Mas a diferença é esta: nós não somos mais escravizados pelo pecado, forçados a fazer o que ele manda. Mesmo assim, ainda pode ser muito difícil resistir ao pecado. Paulo descreveu essa luta em Romanos 7:21-23, onde ele escreveu estas palavras sobre a vida cristã:

**Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros (Romanos 7:21-23).**

Podemos resumir o ensinamento da Bíblia sobre a vontade humana desta maneira: Na criação, nossa vontade foi capaz de pecar e resistir ao pecado, mas quando a humanidade caiu em pecado, perdemos nossa capacidade de resistir ao pecado. Ao mesmo tempo, o pecado veio habitar em nós como um mestre, escravizando nossas vontades.

Na redenção, nossas vontades são restauradas, e a domínio do pecado é quebrado para que possamos mais uma vez resistir ao pecado. E o Espírito Santo habita em nós para nos fortalecer e motivar contra o pecado.

Infelizmente, neste presente estágio de redenção, o pecado ainda nos habita, nos deixando no meio da luta entre a influência do pecado e a influência do Espírito Santo. Mas quando Jesus voltar para completar a nossa redenção, estaremos livres da presença interior do pecado e influenciados apenas pelo Espírito Santo, para que nunca mais escolhamos o pecado.

Agora que consideramos nossa natureza e vontade, estamos prontos para falar sobre a restauração de nosso conhecimento quando formos redimidos.

## CONHECIMENTO

Como antes, nossa discussão sobre o conhecimento se dividirá em três partes: primeiro, falaremos sobre nosso acesso à revelação; segundo, nossa compreensão da revelação; e terceiro, nossa obediência à revelação. Vamos começar com o modo como nosso acesso à revelação é restaurado na redenção.

### Acesso à Revelação

Como você deve lembrar, a Queda restringe significativamente o acesso da humanidade à iluminação do Espírito Santo, que é um dom divino de conhecimento ou entendimento que é principalmente cognitivo.

Também vimos que a Queda restringe nosso acesso à direção interior do Espírito Santo, que é um dom divino de conhecimento ou entendimento que é principalmente emotivo ou intuitivo.

Mas na redenção, temos maior acesso a esses ministérios do Espírito Santo. Em vez de simplesmente nos dar revelação suficiente para nos condenar, o Espírito nos convence da verdade do evangelho e de muitas outras coisas que fazem parte de nossa salvação. Ele torna nossas consciências sensíveis ao caráter de Deus e nos dá intuições piedosas. Por exemplo, ouça as palavras de João em 1 João 2:27:

**A unção [do Santo] os ensina acerca de todas as coisas (1 João 2:27).**

E em Efésios 1:17, Paulo falou de iluminação e liderança interior desta maneira:

**Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele (Efésios 1:17).**

Além de restaurar nosso acesso à revelação, a redenção também restaura nossa compreensão da revelação, novamente através do ministério do Espírito Santo.

## Compreensão da Revelação

Como vimos, a Queda nos tornou inimigos de Deus e nos fez resistir à sua verdade, de modo que, em vez de aceitar o verdadeiro conhecimento de Deus, nos iludimos em acreditar em mentiras. Mas quando somos salvos, o Espírito Santo muda nossos corações para que amemos a Deus em vez de odiá-lo. E ele renova nossas mentes para que possamos compreender as verdades que Deus revela.

Em 1 Coríntios 2:12-16, Paulo explicou dessa maneira nossa compreensão redimida da revelação:

**Nós, porém, recebemos ... o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente ... Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente ... Nós, porém, temos a mente de Cristo (1 Coríntios 2:12-16).**

Sem o Espírito de Deus que habita em nós, não poderíamos entender a verdade de Deus. Nossa rebelião contra Deus obscureceria nossa razão e acreditaríamos em todo tipo de erro sobre o caráter e as obras de Deus. Mas o Espírito Santo guarda nossos corações e nossas mentes, destruindo a capacidade do pecado de nos enganar e capacitar-nos para entender a revelação. Ouça as palavras de Paulo em Colossenses 1:9:

**Desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e de pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus,**

**com toda a sabedoria e entendimento espiritual (Colossenses 1:9).**

Paulo sabia que nenhum crente tem um perfeito entendimento da revelação de Deus. Então, ele continuamente orou para que os crentes em Colossos recebessem mais compreensão. E assim como eles, também precisamos do constante ministério do Espírito Santo para que nosso próprio entendimento possa aumentar.

Até agora, vimos que a redenção restaura nosso conhecimento ao nos dar acesso à revelação e ao nos ajudar a formar uma compreensão adequada da revelação. Neste ponto, estamos prontos para falar sobre como a redenção restaura nosso conhecimento, promovendo a obediência à revelação.

## **Obediência à Revelação**

Anteriormente nesta lição, descrevemos a relação entre obediência e conhecimento de duas maneiras. Primeiro, nas Escrituras, há uma relação recíproca entre obediência e conhecimento. E segundo, na Bíblia, essas duas idéias são inseparáveis uma da outra.

E nossa discussão sobre como a redenção promove a obediência à revelação seguirá um padrão similar. Primeiro, falaremos do fato de que existe uma relação recíproca entre redenção e obediência. Em segundo lugar, consideraremos algumas das maneiras pelas quais se pode dizer que na Bíblia essas duas idéias são inseparáveis uma da outra. Começaremos com o fato de que a redenção leva à obediência.

As escrituras deixam claro que uma das principais características da redenção é a obediência que ela produz na vida dos crentes. Sob a orientação e o poder interior do Espírito Santo, os crentes se comportam de maneira diferente do resto do mundo. A humanidade caída odeia a Deus e não pode obedecê-lo. Mas a humanidade redimida ama a Deus e obedece a ele. O apóstolo João escreveu sobre essa ideia com frequência, como em 1 João 2:3-6. Ouça suas palavras lá:

**Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: “Eu o conheço”, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou (1 João 2:3-6).**

As Escrituras freqüentemente falam deste trabalho do Espírito em termos do fruto do Espírito. Por exemplo, em Mateus 3 João Batista exigiu que seus discípulos produzissem frutos de acordo com o arrependimento. E em Gálatas 5, Paulo contrastou as coisas más que o pecado produz na vida dos incrédulos com as coisas boas que o Espírito Santo produz na vida dos crentes. Ouça as palavras de Paulo em Gálatas 5:22-23:

**O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5:22-23).**

Por meio de sua presença interior e redentora, o Espírito Santo produz o fruto da justiça em nossa vida. Ele nos leva a obedecer a Deus de muitas maneiras, de modo que exibimos muitas virtudes morais e espirituais.

Tendo olhado para o fato de que a redenção leva à obediência, devemos nos voltar para o fato de que essas duas idéias são inseparáveis uma da outra — que ser redimido é obedecer ao Senhor.

Muitas passagens nas Escrituras indicam que a redenção e a obediência são uma e a mesma coisa. Normalmente, essas passagens fazem isso definindo os crentes como aqueles que são obedientes ao Senhor. Às vezes, isso ocorre porque a conversão a Cristo é um ato de obediência. Isso inclui coisas como nossa fé em Cristo e nosso arrependimento de nossos pecados. Por exemplo, em 1 Pedro 1:22-23, o apóstolo deu esta instrução:

**Agora que vocês purificaram a sua vida pela obediência à verdade, visando ao amor fraternal e sincero, amem sinceramente uns aos outros e de todo o coração. Vocês foram regenerados, não de uma semente perecível, mas imperecível, por meio da palavra de Deus, viva e permanente (1 Pedro 1:22-23).**

Pedro falou aqui da conversão a Cristo quando nascemos de novo. E ele identificou essa conversão como obediência à verdade.

Em outras ocasiões, a redenção é equiparada à obediência porque as pessoas redimidas são obedientes ao Senhor de muitas maneiras diferentes. Nós seguimos seus mandamentos porque o amamos. Como Hebreus 5:9 diz:

**[Jesus] tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (Hebreus 5:9).**

Neste contexto, o autor de Hebreus estava se referindo à obra sacerdotal de Jesus em curso no céu, na qual ele mantém nossa salvação através de sua contínua intercessão em nosso favor. Ele faz isso por todos aqueles cujas vidas são caracterizadas pela obediência a ele, isto é, por todos aqueles que crêem e são resididos pelo Espírito Santo.

Ao considerarmos a relação entre redenção e obediência, o ponto que queremos ter em mente é o seguinte: a redenção produz obediência a Deus e a obediência a Deus produz conhecimento de Deus e de seus caminhos.

Lembre-se mais uma vez que a Queda corrompeu nosso conhecimento, em parte, tornando impossível para nós obedecermos ao Senhor. Correspondentemente, uma forma pela qual a redenção reverte a maldição da queda é restaurando nossa obediência, que por sua vez produz conhecimento de Deus.

À luz do fato de que a redenção restaura nosso conhecimento de Deus, não deveria nos surpreender que a Escritura frequentemente resuma a redenção em termos de conhecimento de Deus. Esse conhecimento consiste parcialmente em conteúdo cognitivo, como conhecer os fatos do evangelho. Mas também inclui conhecimento experiencial e relacional, como quando falamos de conhecer uma pessoa. Encontramos este



ensinamento em lugares como o Salmo 36:10, Daniel 11:32 e 2 João, versículo 1. Como Jesus orou em João 17:3:

**Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste (João 17:3).**

Assim, no período da redenção, nossa bondade inata é restaurada na renovação de nossa natureza, na restauração de nossa vontade e no novo conhecimento de Deus. E por esta redenção de nosso ser, obtemos a capacidade de realizar boas obras: dizer e pensar e fazer as coisas que Deus abençoa.

## CONCLUSÃO

---

Nesta lição, começamos nossa exploração da perspectiva existencial considerando a relação entre bondade e ser. Nós olhamos para a bondade historicamente, começando com a Criação, onde vimos que a bondade estava enraizada no ser de Deus e que a humanidade foi criada com um ser inerentemente bom. Em seguida, vimos que a Queda destruiu a bondade inata da humanidade, tornando-nos incapazes de um comportamento moralmente bom. E finalmente, vimos que na Redenção, a bondade de nosso ser é restaurada quando chegamos à salvação em Cristo, nos tornando capazes de comportamento moralmente bom.

Enquanto trabalhamos para tomar decisões bíblicas no mundo moderno, é importante lembrar que a bondade verdadeira sempre envolve combinar nosso caráter com o caráter de Deus. A má notícia é que estamos caídos e habitados pelo pecado, incapazes de refletir a bondade de Deus. Mas a boa notícia é que quando o Espírito Santo aplica a redenção em nós, ele nos habita e nos dá novas naturezas para que possamos viver de maneiras que Deus aprova e abençoa. E se mantivermos esses fatos em mente, teremos uma maior capacidade de responder às nossas perguntas éticas de maneira que agrade ao nosso glorioso Senhor.